

CURRÍCULO E VIOLÊNCIA NA ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA

Ana Clara de Sousa Lima; Otávio Augusto de Oliveira Cardoso; Jordana Vieira Sandes;
Beatriz Batista Oliveira

Universidade Federal de Alagoas-Campus do Sertão sousalimaa3@gmail.com; guga_oly22@hotmail.com;
jordanasandes@hotmail.com; beatrizbboo@hotmail.com.

Resumo: A violência na escola é uma questão bastante complexa e preocupante visto que está presente no cotidiano da instituição escolar, contudo tal violência não deve de forma alguma ser conceituado somente como a violência física e verbal que acontece na escola, é necessário também analisar a violência que a escola exerce sobre o aluno (a), desta maneira é compreendendo a necessidade de dar maior visibilidade à violência simbólica da escola violência esta legitimada no currículo escolar, que o presente trabalho teve como objetivo levantar algumas questões a respeito da violência na escola, não só a violência física e verbal que acontece no espaço escolar, mas também e principalmente a violência da própria escola exercida por meio de suas práticas, às quais compõem o seu currículo.

Palavras-chave: Violência na escola, Violência simbólica, Influências, Currículo.

1 Introdução:

A violência de modo geral é um fenômeno preocupante e tornou-se algo cotidiano, de forma que a população brasileira convive diariamente com a mesma, seja a violência veiculada pelos meios de comunicação, televisão, internet, jornais, celulares, etc., até situações presenciais de violência. A escola no Brasil está dentro deste contexto de violência e não está imune a ela, assim como seus alunos e profissionais.

Como uma das diversas formas de violência, temos a violência na escola, problema não menos grave e preocupante. Ao se falar em violência na escola é comum pensarmos primeiramente na violência física ou verbal entre os alunos, e entre alunos e funcionários da escola, no entanto o conceito de violência na escola não pode ser limitado a isso.

Há uma violência que passa despercebida por muitos, é a violência da própria instituição escolar, à qual Pierre Bourdieu conceitua como violência simbólica, muito se fala em uma educação para todos, a Constituição Federal de 1988 prevê a educação como um direito de todos, porém esse enunciado não se concretiza, quando analisamos a prática temos

uma educação que prioriza através do seu currículo um determinado grupo e desconsidera as especificidades das minorias, é uma violência institucional sobre o aluno que faz parte das minorias, violência legitimada no currículo escolar, e que não pode ser desconsiderada ao se discutir violência na escola.

Desta forma, o presente trabalho nasce da necessidade de ampliar o debate sobre violência na escola, levantando questões a respeito das relações que podemos estabelecer entre currículo e violência na escola, como que as experiências organizadas pela instituição escolar para a formação dos seus alunos, às quais constituem o currículo formal, até as experiências que não são organizadas pela instituição, mas que acontecem no ambiente escolar e influenciam o processo de aprendizagem dos alunos, no caso do currículo oculto, podem aumentar ou diminuir a violência na escola, e como muitas vezes tais experiências são violentas para com o aluno.

Percebendo a violência na escola de forma ampla, ou seja como uma cadeia que envolve não só o espaço escolar mas também o meio social uma vez que a escola não está isolada da sociedade, e entendendo que há diferenças nestas relações do ensino público para o privado, este trabalho tratará da violência na escola pública o que não significa que muitas das proposições aqui expostas não possam se estender a escolas privadas.

Para entender melhor a violência e seus aspectos dentro do contexto educacional este artigo fundamenta-se nos conceitos de Bernard Charlot, que trata da violência na escola sob três dimensões: a violência na escola, a violência sobre a escola e a violência da escola, conceitos que serão aprofundados na primeira parte deste trabalho.

Em seguida serão expostos casos de violência na escola pública que aconteceram recentemente e que tiveram grande repercussão na mídia, que ao analisarmos são em grande maioria casos de agressão física e que evidencia a agressão em si, o que contribui para a invisibilidade da violência simbólica da escola. Casos como da professora Márcia Friggi que foi agredida por um aluno de 15 anos numa escola em Santa Catarina, e o caso da adolescente de 14 anos que morreu após se envolver em uma briga na sala de aula em Porto Alegre.

E finalmente será feita uma análise acerca da violência simbólica exercida pela escola, o currículo escolar, tendo como principal base para tal discussão os estudos de Pierre Bourdieu acerca do caráter reprodutor da escola.

2 Metodologia

O presente trabalho, deriva das discussões feitas na disciplina de currículo no curso de Pedagogia e tem como modelo teórico-metodológico a pesquisa com abordagem qualitativa, uma vez que o seu objetivo foi buscar um maior aprofundamento acerca da violência na escola e sua relação com o currículo escolar e propor questionamentos e discussões que não são quantificáveis. “A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 32). A pesquisa tem natureza básica já que a mesma objetiva ampliar os conhecimentos, mas não deixa de ter um viés de pesquisa aplicada uma vez que é no aprofundamento das discussões e conhecimentos que se podem promover mudanças.

A presente pesquisa foi elaborada a partir de estudos bibliográficos, livros, textos e notícias impressos e digitais. Tendo como principal base teórica acerca do currículo os escritos de Bourdieu, que vai tem estudos acerca do caráter reprodutivo e ideológico da escola assim como seu poder simbólico fundamentam-se também nos escritos de Charlot, Sácristan e etc. são trazidas também no trabalho notícias de sites eletrônicos, para contribuir com a discussão proposta.

Em suma foram feitas leituras de textos escritos e veiculados por meios eletrônicos com o objetivo de proporcionar um maior enriquecimento da pesquisa, sempre prezando pelo rigor metodológico, para que tal pesquisa não se torne um problema.

3 Resultados e discussões

3.1 Violência na escola aprofundando conceitos.

A violência na escola não é fato um isolado, nem tampouco um acidente, ela é um problema bastante complexo, e para ser analisado precisa ser levado em consideração todo o contexto escolar. Uma agressão física ou verbal que acontece no espaço escolar entre alunos ou entre alunos e funcionários, por exemplo, não podem ser vistos como fatos isolados em si, ninguém agride ninguém sem motivos, não há motivos que expliquem ou diminuam um ato

de violência, no entanto é a investigação e análise desses atos que podem levar a uma melhor compreensão do educando que cometeu tal ato, abrindo espaço para que a escola discuta violência e encontre meios de diminuir essas ocorrências.

Condenar o educando tachá-lo de violento ou indisciplinado e puni-lo após cada ato de violência não resolve o problema, e é tudo que uma escola não deve fazer. Se a escola está cada vez mais se transformando em espaço de violência, ela precisa cada vez mais reafirmar-se enquanto espaço de debate, discussão e produção de conhecimento. A instituição escolar precisa antes de tudo praticar a auto-avaliação e rever suas práticas que muitas vezes também contribui para o aumento de tais violências na escola, por que a própria escola violenta o aluno e não assume isso, ou melhor, em muitos casos não tem consciência.

Ao não levar em consideração a violência da escola, poderíamos cair num círculo vicioso e na ilusão de que atos de violência advêm somente do lado de fora da escola, do meio social em que o educando vive, e que por isso a escola não tem capacidade de acabar com tal violência, levando a inércia da instituição diante do problema, podendo esta se abster na resolução de tal questão e assim não reconhecer e enxergar a sua parcela de contribuição a esta violência.

Atitudes violentas dos alunos (as) na escola pode na maioria dos casos ser uma reação a algo que há muito tempo vinha acontecendo e ele não suportou mais, a escola como instituição formadora do indivíduo, enquanto espaço educativo precisa perceber quando algo não vai bem com o educando e procurar maneiras de solucionar o problema. “Se os jovens são os principais autores (mas não os únicos) das violências escolares, eles são também as principais vítimas dessa violência.” (Charlot, 2005, p.127)

Não querendo diminuir o problema da violência física dentro da escola muito pelo contrário estamos querendo dar a violência “na, da e sobre” a escola toda sua dimensão à qual não se limita a agressões ou insultos entre alunos e entre alunos e funcionários da escola.

Segundo Boneti,

Denomina-se violência escolar todos os atos ou ações de violência comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio, atos criminosos, marginalização, discriminações, entre outros praticados por, e entre a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos a escola) no ambiente escolar. (2009, p.162, 163)

Bernard Charlot conceitua a violência na escola à partir de três dimensões, a violência na escola que se caracteriza por atos de violência que acontecem dentro da escola, mas que não tem relação com a instituição escolar; a violência à escola por sua vez está ligada às atividades escolares, violência contra os profissionais da escola, por exemplo que são pessoas que representam a escola; e por fim a violência da escola, uma violência institucional e simbólica “modos de distribuição de classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos; atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas, etc” (2005, p.127).

O autor conceitua a violência na escola diante desses três aspectos que embora tenham suas especificidades, não se desvinculam, estão sempre se interligando, principalmente a violência da e contra a escola que talvez sejam as que mais estão a cargo da instituição como cita o autor, “se a escola é largamente (mas não totalmente) impotente em face de violência na escola, ela dispõe (ainda) de margens de ação em face da violência à escola e da escola,” (2005, p.127), esta reação violenta contra a escola se sucede ao fato de que a mesma não está adaptada para todos, ela privilegia a elite. “A escola foi pensada para uma criança ideal, uma criança que não trabalha uma criança que fala ‘bonito’, uma criança que pode estudar em casa com calma, etc.,” (CECCON; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 1982, p.48) assim o aluno que faz parte dos grupos minoritários e marginalizados que na verdade é a maioria da população brasileira, sentem-se indiferentes a esse tipo de sistema escolar e a forma mais fácil que encontram para revidar é através da violência, muitas vezes física.

Levando em consideração que o sistema educacional ele também exerce a violência que mesmo conceituada como simbólica, ou seja, uma violência oculta e invisível, o aluno sente e mesmo não tendo consciência de que muitas práticas da escola são violentas ele pode revidar e desta maneira está o aluno (a) exercendo também a violência, mas já a partir de outra dimensão a violência à escola.

Entretanto quando algo muda a situação e surge o confronto os alunos podem se rebelar contra violência simbólica. Em geral isso é interpretado pelos professores e por outros profissionais da escola como indisciplina, ousadia, falta de educação falta de respeito e várias outras expressões que se referem insubordinação. (CHARLOT, 1986, p. 97)

Percebendo que geralmente esta análise não é feita não se relacionam a violência da escola à violência contra escola como se essa fosse um fato isolado sem relações com própria escola e aquela não estivesse diariamente no cotidiano escolar do aluno de maneira sutil e

velada, o que a torna ainda mais perigosa, que este artigo tem como foco a violência da escola, ou seja, a violência simbólica. Segundo Assis e Merriel:

Violência institucional': ocorre dentro das instituições, sobretudo por meio de regras, normas de funcionamento e relações burocráticas e políticas que reproduzem estruturas sociais injusta. A fragilidade de recursos materiais, físicos e humanos, existentes em muitas escolas e a precária qualidade do ensino público oferecido à população é uma forma de violência institucional existente em muitos países e ocorre no Brasil. (2010 p. 58).

Desta maneira só estaremos discutindo devidamente a violência na escola quando a trouxermos para o debate a partir das três dimensões aqui já conceituadas por Bernard Charlot, e a escola só estará de fato se preocupando com o bem estar e a educação do seu educando quando assumir o compromisso de efetivar uma educação de qualidade revendo as suas práticas violentas e modificando-as. É fato que são inúmeros os problemas que afligem a educação no Brasil, porém a falta de autonomia da escola na produção e construção do seu currículo é um problema que a escolas podem e devem melhorar.

3.2 Violência na escola: repercussão na mídia

Nos últimos anos as escolas brasileiras vêm enfrentando um grande desafio, altos índices de violência vem aterrorizado os espaços escolares causando danos irreparáveis, tornando-se então um dos assuntos mais repercutidos na mídia, seja pelos jornais televisivos, revistas, internet, etc., a escola já não mais um espaço seguro para se estar, se outrora fora considerado, hoje já não é mais!

Muitas são as interrogações a respeito de o porquê e quais são as influências que corroboram para essas ações violentas nas instituições educacionais principalmente nas de caráter públicos. Sobre essa perspectiva em uma entrevista prestada ao jornal O GLOBO, Paulo Alcântara Gomes ex-reitor da UTEM e ex-presidente do SEBRAE/EU, escreve uma coluna sobre a violência na escola e afirma o seguinte:

Alguns dos problemas enfrentados pela educação brasileira estão nas dificuldades impostas por conteúdos pouco atraentes, na ausência de material didático adequado, na infraestrutura insuficiente, nos planos de carreira docente desestimuladores e nos poucos incentivos à atividade de magistério [...] a violência é influenciada por diversos fatores entre eles o espaço no qual a escola está inserida, a má utilização da comunicação, algumas regras de disciplina incompatíveis com os tempos atuais e o nível de atraso dos estudantes (2017).

Uma notícia que repercutiu bastante nas mídias eletrônicas, jornais televisivos e sites como o g1globo, foi o caso da professora de literatura Márcia Friggi, que na manhã do dia 21/08/17 registrou boletim de ocorrência contra um aluno de 15 anos, a mesma foi agredida com socos pelo adolescente, em uma escola na cidade de Santa Catarina, seu local de trabalho.

Em um relato emocionado no Facebook, a professora de 52 anos, compartilhou fotos do rosto e relatou a agressão vivida na escola. Conforme o relato, a educadora pediu que o adolescente colocasse o livro utilizado na aula sobre a mesa, com a negativa do rapaz e uma agressão verbal como resposta, Márcia pediu que ele se retirasse da sala e se dirigisse a direção. De acordo com a professora, antes de sair o adolescente jogou o livro no chão, e ao chegar à direção negou tê-la ofendido e, ao ser interpelado, começou a agredi-la com fortes socos.

Outro caso chocante noticiado pelo site do G1, foi o caso ocorrido numa escola pública de Porto Alegre, no dia 08/03/2017, onde uma estudante de apenas 14 anos morreu após se envolver em briga dentro da sala da aula. Segundo a matéria, o que motivou a briga foi um desentendimento entre a adolescente e mais três colegas da mesma faixa etária. Ainda segundo a notícia as investigações da polícia apontavam como causa do desentendimento o ciúme. O laudo médico aponta que a causa da morte da adolescente foi estrangulamento.

Esses são apenas dois casos de violência na escola de muitos outros que revelam à realidade e o cotidiano de muitas escolas públicas brasileiras, mostrando o quanto a violência está presente dentro do espaço escolar. Numa pesquisa realizada pelo jornal folha de São Paulo publicado no dia 23/03/2016 com 6.700 estudantes das sete capitais brasileiras consideradas as mais violentas do país, Maceió (AL); Fortaleza (CE); Salvador (BAHIA); São Luiz (MA); Vitória (ES); Belém (PA); Belo Horizonte (MG), 42% dos alunos afirmaram já ter sofrido algum tipo de violência.

Alguns especialistas e estudiosos afirmam que a violência na escola é antes de tudo o reflexo da violência na sociedade, o grande desafio se configura justamente aí, se a escola é o reflexo da sociedade, isso implica dizer que não se trata de combater a violência somente na escola, mas que deve ser levado em consideração que existe a violência social, neste sentido, o professor e representante da Confederação Nacional de Trabalhadores da Educação (CNTE), Antônio de Lisboa Amâncio ao participar de uma audiência pública promovida pela

Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH). Afirmou que “combater a violência no ambiente escolar é antes de tudo combater a violência na sociedade”.

3.4 O currículo escolar como violência simbólica

Se caracterizarmos a escola enquanto espaço formativo de discussão, produção e transmissão dos conhecimentos produzidos pela humanidade social-historicamente (LIMA), e tendo consciência de que índios e negros estão historicamente na luta pelo reconhecimento de suas culturas nos currículos escolares e até mesmo currículos específicos para escolas indígenas e quilombolas, fica claro então qual é a cultura que está sendo privilegiada nos currículos escolares, a cultura da elite um povo majoritariamente branco, minoria da sociedade brasileira tendo em vista a diversidade cultural aqui presente. Desta maneira o Brasil enquanto ex-colônia de Portugal, que teve e tem grandes influências e contribuições da cultura africana, e que tem um povo nativo os índios, além das influências de outras culturas tem nas suas escolas um currículo extremamente eurocêntrico, ou seja, enxerga a cultura europeia como única referência.

É dentro deste contexto de desigualdades que atualmente o campo do currículo e as teorias curriculares estão sendo amplamente discutidos por muitos autores, trazendo grandes discussões e contradições que divide opiniões. Afinal qual o melhor currículo para escola? Quais as melhores experiências que a escola deve proporcionar para formação do seu aluno? Porque as experiências que geralmente são escolhidas para compor o currículo escolar são as melhores e mais adequadas? Que critérios são utilizados para a seleção dessas experiências, o que é levado em conta? Que indivíduo se pretende formar a partir de tais experiências selecionadas? Para quê e para onde se está formando este indivíduo?

Alguns autores como Pierre Bourdieu (2012) filósofo e sociólogo francês do século XX, já fazia em seus estudos tais questionamentos, acerca do poder simbólico e legítimo que instituições como a escola exercem sobre a sociedade. Segundo o sociólogo o poder está por toda parte e é necessário está atento para perceber quando ele se mostra e quando está oculto, e é justamente este poder oculto e invisível que o autor vem chamar de poder simbólico.

A escola enquanto sistema estruturado de conhecimento e comunicação exerce através do seu currículo o poder simbólico de dominação e imposição de uma cultura sobre outras,

uma vez que considera uma única cultura como referência, e é isto que Pierre Bourdieu conceitua como violência simbólica, dado que a classe dominada não tem consciência deste poder de reprodução do sistema escolar contribuindo até mesmo para tal reprodução, o caso de professores e gestores que entram no sistema educacional e passam a simplesmente efetivar o currículo escolar, a classe dominante por sua vez, exerce tal dominação de forma velada e oculta através de sistemas como a escola.

Segundo GRUNDY apud SACRISTÁN, 2008, “O currículo não é um conceito, mas uma construção cultural. Isto é, não se trata de um conceito abstrato que tenha algum tipo de fora e previamente experiência humana. É antes um modo de organizar uma série de práticas educativas”. (p.14) para complementar MOREIRA e CANDAU, compreendem “o currículo como as experiências escolares que se doam em torno do conhecimento, em meio a relações sociais, e que contribuem para a construção das identidades de nossos estudantes” (p.18). E ainda segundo SACRISTÁN, 2008, “não podemos esquecer que o currículo supõe a concretização dos fins sociais e culturais, de socialização que se atribui à educação escolarização ou de ajuda ao desenvolvimento” (p. 15).

Porém ainda hoje a educação escolar é ofertada simplesmente com formação para o mercado de trabalho o que contribui para que seja somente isso o que a classe proletária espera da educação, ou seja, almeja-se arranjar um bom emprego que lhes permita ter uma vida melhor que pais e avós.

A escola enquanto aparelho ideológico do Estado (Althusser, 1985) continua a cumprir o seu dever oculto ou talvez não tão oculto assim de reprodutora do sistema, que mesmo diante de avanços tecnológicos, da luta dos movimentos sociais por uma educação de qualidade, continua priorizando uma educação técnica e profissionalizante, ou pelo menos constrói a ilusão de que se está oferecendo uma educação que realmente qualifica o indivíduo, quando na verdade há o interesse em qualificar a mão de obra a novas demandas de trabalho contemporâneo, no entanto de forma que a classe trabalhadora continue em sua posição de classe, explorada, submissa, oprimida, preservando então a elite na sua condição de opressora.

E para tal utilizam-se do sistema escolar, estruturalmente planejado para o aluno branco que advém da classe econômica mais alta, que já tem por meio da família o acesso a bens culturais e linguísticos os quais estruturam o sistema educacional, “propostas curriculares, as estratégias pedagógicas, as práticas linguísticas, as relações hierárquicas e outros compõem um cotidiano escolar que evidencia uma violência simbólica em vários

níveis, [...] que se exerce sobre os alunos de classes populares, pouco adaptados a uma escola não construída para eles” (ASSIS e MERRIEL, 2010, p. 74).

4 Conclusões

A escola violenta o seu aluno diariamente, às vezes imperceptível aos nossos olhos, isso porque temos uma educação básica que se inicia na Educação Infantil e termina no Ensino Médio, que tenta no cegar, que dispõe de um currículo eurocêntrico e burguês, que desconsidera toda e qualquer manifestação da grande massa que é propositalmente excluída.

Assim, pode-se perguntar, existe mesmo um currículo oculto? Não está tudo muito claro?

Quando se fala que a escola tem um currículo que claramente marginaliza, segrega e violenta a grande massa enquanto privilegia determinado grupo, deve-se levar em consideração todas as experiências organizadas no currículo formal e aquelas não organizadas pela escola mas que acontecem no espaço escolar, uma vez que tais experiências não organizadas acontecem dentro da escola e entre as pessoas que fazem parte desta instituição, e que só são viabilizadas justamente por termos um currículo homogêneo e insatisfatório.

A violência na escola que repercute na mídia, as agressões em grande parte, são um grande problema, quando a escola deveria ser um espaço de conversas, debates e socialização, no entanto focar no problema em si não seria inteligente. A mudança tem que ocorrer de dentro pra fora, a escola deve repensar suas práticas, o seu currículo, materializar o que temos na lei, enxergar o aluno e a aluno enquanto sujeitos de direitos e promover um educação verdadeiramente para todos e todas, reconhecendo as individualidades de cada um e que não procura adequá-los ao padrão social burguês.

O currículo eurocêntrico e homogêneo, não é atrativo, é violento, visto que a diversidade é uma das maiores características do povo brasileiro, a escola não desperta no aluno nenhum interesse, de modo que o mesmo vai pra escola atrás de um diploma e não de conhecimento, a escola não representa para o aluno marginalizado algo bom, e da forma que ela se apresenta realmente não o é. A instituição escolar é cruel com este aluno, e se esta não tomar consciência de seu caráter reprodutor e repensar suas práticas, visando uma transformação estrutural, a violência na escola continuará sendo um problema constante.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

APLLE, Michael W. **Ideologia e currículo**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

ASSIS, S; CONSTANTINO, P; AVANCI, J. Q. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. Rio de Janeiro, Ministério da Educação: Editora FIOCRUZ, 2010.

BORBA, Bibiana. **Professora de SC denuncia agressão física por aluno de 15 anos**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2017/08/22/professora-de-sc-denuncia-agressao-fisica-por-aluno-de-15-anos.htm>

Acesso em: 13/09/2018 às 14h10min.

BORTOLLOTO, Bernardo. **Família pede justiça após morte de jovem em escola; laudo aponta asfixia**. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2017/03/familia-pede-justica-apos-morte-de-jovem-em-escola-laudo-aponta-asfixia.html> Acesso em: 13/09/2018 às 14h20min.

BOUDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

____PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves editora S.A., 1975.

CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **A vida na escola e a escola da vida**. Rio de Janeiro: vozes, 1982.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação de professores e globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre, 2005.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica, realidades sociais e pessoais ideológicas na teoria da educação**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

CNTE. **Violência nas escolas é reflexo da sociedade, dizem especialistas**. Disponível em: <http://www.cnte.org.br/index.php/cnte-na-midia/6917-violencia-nas-escolas-e-reflexo-da-sociedade-dizem-especialistas-1.html> Acessado em: 13/09/2018 às 14h30min.

DOURADOS, MS. **Violência nas escolas é reflexo da sociedade, dizem especialistas**. Disponível em: <https://www.douradosagora.com.br/noticias/educacao/violencia-nas-escolas-e-reflexo-da-sociedade> Acessado em: 13/09/2018 às 14h35min.

GERHARDT, T.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> acesso em 10/09/2018 às 13:50.

G1. SC. **Professora denuncia aluno de 15 anos por agressão escola de SC: 'Dilacerada'**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/professora-denuncia-aluno-de-15-anos-por-agressao-em-escola-de-sc-sociedade-nos-desamparou.ghtml>. Acesso em: 13/09/2018 às 14h10min.

GOMES, Paulo Alcântara. **Violência nas escolas**. Disponível em: <http://noblat.oglobo.globo.com/artigos/noticia/2017/07/violencia-nas-escolas.html> Acessado em: 13/09/2018 às 14h33min.

G1. RS. **Adolescentes confirmam briga antes de morte de menina em escola de RS**. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2017/03/adolescentes-confirmam-briga-antes-de-morte-de-menina-em-escola-no-rs.html> Acessado em: 13/09/2018 às 14h30min.

LIMA, Marcos Ricardo. **Estado e Educação profissional como política social**. S/d

PRIOTTO, E.P; BONETI, L.W. **Violência escolar: na escola, da escola, é e contra a escola**. Ver. Diálogo Educ., Curitiba, v.9, n- 26 p. 161-179, jan.abr. 2009 disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/download/3700/3616> acesso em 10/09/2018.

SACRISTÁN, J. Governo. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. São Paulo: Artmed, 2008.

SALDAÑA. Paulo. **Nas capitais mais violentas, 42% dos alunos já foram agredidos na escola**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2016/03/1752178-nas-capitais-mais-violentas-42-dos-alunos-ja-foram-agredidos-na-escola.shtml>. Acesso em: 13/09/2018 às 14h10min.